O Occidente

Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India	5$000	2$500	-$-	-$-

32.º Anno — XXXI Volume — N.º 1076

20 de Novembro de 1908

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

PM

Monumento a Manuel Pinheiro Chagas, na Avenida da Liberdade, inaugurado no dia 13 do corrente
Esculptura de Costa Motta

Chronica Occidental

Esta chronica é escripta na cidade do Porto, durante as festas ruidosas com que aqui está sendo recebido El-Rei D. Manuel. Mas não esperem que tambem e'la lhes fale das festas: bem basta o que têm contado, hora a hora, as folhas da manhan e as folhas da noite. Em casos taes, o que a chronica tem de melhor a fazer é deixar que os outros a façam — e aproveitar o descanço a seu bel-prazer.

Desconhecer este surpreendente aspéto de cidade no campo que tem o Porto, quando do tunel de Gaia se entra, como que num deslumbramento, pela ponte do Douro, e toda a porção mais abundante do rio vem curvando a corrente pelas tenras verduras de Avintes e Valbom, e para além do Lordello vae banhando a vila — é nunca ter disfructado, com olhos embevecidos, a mais pitoresca, mais complicada, mais colorida e luminosa paisagem portuguêsa.

Certas ruas do Porto lembram ruas de algumas frescas cidades francêsas, como Pau, por exemplo. Aqui se nota com prazer a escassês de predios de mais de dois andares, ao mesmo tempo que um segundo prazer, e bem maior, se desenvolve á nossa vista, com proveito grande dos nossos orgãos respiratorios: o aspéto independente, solido e aceado da maior parte das casas, cada uma para cada familia, livre do contagio pernicioso das vizinhanças de escada, que nas cidades como Lisboa constitue a peor condição das suas habitações.

Um rez-do-chão, um primeiro andar, uma trapeira, tres janelas de fachada, um portão bem limpo, uma pequena facha de jardim á frente, e um horisonte bem amplo para trás, tanto basta para realizar a boa e simples felicidade de uma familia portuense de negociantes abastados.

Toda a parte nova da cidade é assim formada, cuidadosamente, por pequenos predios, airosos e risonhos, frescos e claros, quasi todos cobertos de azulejos e ardosias, com verduras de arbustos e perfumes de flores á entrada e á beira do caminho, resguardados por gradeamentos ligeiros, aguçados em lança.

Na construção d'estas casas, postas sobre solidos alicerces, não entra um só tijolo; é tudo pedra, desta pedra rija e parda que tanto abunda na parte montanhosa da cidade. São casas de pedra e cal, firmes, inabalaveis, bem proprias a dar abrigo á gente forte que as habita.

Quem só tenha visto levantar a construção de um predio de Lisboa, todo em ripado e sarrafos, não faz idéa do que seja pôr em pé as quatro grandes paredes, verdadeiras paredes mestras, de uma casa do Porto. Tudo é pedra d'alto a baixo, bem cimentada e bem unida. A madeira só entra onde não póde deixar de entrar: no této e no soalho. Não ha tabiques. D'um aposento para o outro aposento, não se percebe um ruido; e como não ha repercussão nos muros, e os sobrados se sobrepõem perfeitamente sem rangido nem tremuras, do andar de cima para o andar de baixo nada se ouve tambem.

Aqui, quando se está em casa, póde se bem dizer que se está em casa. Em Lisboa, julga sempre a gente que está em casa dos outros, ao mesmo tempo que os outros estão em nossa propria casa.

Na parte velha da cidade não é bem comodo o piso das calçadas, nem dos passeios de lagedo, e menos suave ainda a pés não muito afeitos ao uso dos tamancos, que o povo feminino dos burgos do redor tão sonoramente e tão galantemente bate, quando os prefere a trazer, mais á vontade e mais lésto, o branco pé descalço. Em compensação, o forasteiro, que tomou o comboio em Santa Apolonia, e encaminhou para aqui o seu itinerario, póde vêr que das ruas do Porto se não faz o vassadouro de quantas entranhas de peixe, despejos de hortaliças e calçado velho não aproveitam já á economia domestica.

Nos bairros novos e nas novas ruas, cantantes e claras, as casas que não são em azulejos, fantasiosos e reluzentes, aparecem nos de branco, muito bem caiadas, ou em côres tenras como a côr de rosa, a côr de alface, a côr de canario, e a côr de grão. As janelas são largas, os caixilhos brancos, os vidros esfregados. E como as casas não têm, quasi todas ellas, mais de dois andares, fica mais perto o céo, azul e encrespado p'lo vento fresco do norte.

A entrada por Campanhã recorda-me, á primeira vista, olhando as construções d'agora, entremeadas no alinhamento das construções antigas, acanhadas e baixas, e enegrecidas, o aspéto de Madrid no bairro das Delicias. Lindos olhos pretos vêem nos passar, na pequenina moldura dos postigos. Alegres timbres de voz soltam cantigas, repenicam estribilhos, bonitos como o das Carvoeiras, engraçados como o das Padeirinhas. Braços redondinhos, de manguinhas arregaçadas, deitam roupa a córar, nos muros dos quintaes. Ramos de vinha balouçam-se á porta das tabernas, onde o vinho verde espuma nos cangirões e nas malgas.

O movimento acelerado e incessante do bairro mais commercial e ativo da cidade, toda esta parte inferior á Restauração, para os lados da Rua das Flores e Rua dos Inglêses, Cimo do Muro, Miragaia, Alfandega, é bem cheio de interesse e de bons simptomas. Aqui trabalha-se, e o trabalho vê se, sente-se, constata-se. Toda esta faina de gente que leva pressa e traz pressa, entrando nos cambistas, subindo ás agencias dos paquetes, enchendo os armazens, povoando as lojas, carregando fardos, acarretando caixas, conduzindo carros, rolando pipas, empalhando garrafas, conferindo facturas, promovendo despachos, verificando mercadorias, discutindo preços, trocando dinheiro, agitando emfim toda esta porção de vida complicada e rotineira, esperta e agil, a que se chama o movimento da praça, oferece- nos o testemunho consolador de um grande estimulante facto, qual o de ainda haver em Portugal portuguêses escorreitos e aptos para o trabalho proficuo, rude mas fortalecedor, violento mas vivificante, inglorio embora, mas produtivo.

Os Clerigos, na subida ingreme e aspera da calçada, têm a mais jovial fisionomia de vias de transito que conheço. E' um risonho arruamento que parece sempre em festa, embandeirado de chales e lenços de ramagens ás portas dos mercadores.

D'um e outro lado, subindo e descendo ao longo dos passeios, grupos de velhas e raparigas, cobertas de oiro, saias e mais saias, meia branca de neve e tamanquinho de verniz, dão por momentos a esta larga rua a semelhança de uma feira, onde porventura se juntassem, em divertido vae vem, todos os tipos e todos os trajes, bem variegados e bem cheios de caracter, de todo o Minho e Douro.

Quando chega o verão, quem tem o bastante para se dar ao prazer de sair da cidade, apenas nella se demora o tempo preciso para os seus negocios, e logo abala para a Foz e para Mattosinhos, para Espinho ou para a Granja.

Fechada a casa da cidade, cola-se-lhe na porta um aviso impresso que diz, em grandes letras redondas: — *Estão na Foz* ou — *Estão em Mattosinhos*. Estes impressos andam á venda nas papelarias e nos kiosques de tabacos. E' um costume que só conheço no Porto. Assim se declara, com esta sinceridade, para onde se foi, onde se póde ser encontrado, que prazer haverá se os amigos lá fôrem. E não ha melhor contraste para essa fuga misteriosa de muitos habitantes de Lisboa, que partem para uma praia ou para uma casa de campo: dá se a volta á chave pela madrugada, desce se a escada pé ante pé para não acordar a visinhança, toma se pelo caminho mais escuso, enfiando com as paredes, e desaparece-se... Debalde o padeiro virá bater ao ferrolho, todas as manhãs, durante quinze dias. Tempo perdido será, para o alfaiate, subir vezes sem conto áquelle terceiro andar, para receber uma conta de *smockings* e fatos de flanela. Prega no deserto a triste lavadeira, de cada vez que vem cobrar o importe da ultima barrela... Por fim, quando todos elles cançam e desistem de voltar e resolvem lançar á conta do perdido o fornecimento dos pães, dos fatos de flanela e a lavagem da roupa — é que o lisboeta regressa, para mudar de padeiro, de alfaiate e de lavadeira.

Sente-se a gente bem, entre gente d'esta, a despeito do azedume de Camillo, que a não poupou a flagrantes injustiças. E' preciso cá vir, aqui estar e de cá sair, para lhe ficar querendo bem: gente vigorosa e sã, leal e altiva, desassombrada e franca; gente que nos fala uma linguagem tão expressiva, tão aberta, tão sonora e tão clara, que até se fica em duvida se não será bem o português de lei este em que a lingua troca, com tanta graça, os *bb* pelos *vv*...

João Prudencio.

MANOEL PINHEIRO CHAGAS

O SEU MONUMENTO

Li num delicioso artigo de Manuel d'Arriaga, como tudo que sae da sua penna ou da sua palavar, o seguinte trecho, contando como conheceu, no Bussaco, Pinheiro Chagas:

....

«Pinheiro Chagas escrevia ainda com muita difficuldade, ou, por outra, fazia esforços extraordinarios, por meio de repetidas emendas, para attingir a forma suprema da arte, que afinal conseguia.

«As tiras de papel escriptas, d'onde sahiam os seus esplendorosos folhetins, davam-nos ideia d'um campo de batalha onde se empenhava uma lucta renhida, taes eram as linhas, e contra linhas, emendas, e contra emendas que se crusavam em todos os sentidos!

«Uma tarde em que elle nos lia, com emphase, um dos seus mais bellos trabalhos litterarios, escriptos no Bussaco, viu a sua obra enthusiasticamente applaudida por todos nós.

«Sua esposa, que era d'uma formosura pouco vulgar, cheia de frescura e mocidade, astuciosamente protestou contra os nossos aplausos, allegando que a obra que nós admiravamos lhe tinha custado duas velas de stearina!

«Este protesto ainda exaltou mais a nossa admiração, o nosso enthusiasmo, pelo inspirado e indefeso batalhador da ideia e da palavra.

«Nos olhos o no rosto da dedicada companheira de Pinheiro Chagas, lia mos nós todos o encanto intimo, o enlevo com que ella viu repellido o seu astucioso protesto.»

....

Ainda hoje me lembro bem da extraordinaria impressão que ha quarenta e tantos annos me produziu a leitura dêsses folhetins, tanto elles se destacavam pela sua forma literaria, por aquella suprema arte que todos reconheciam, e que eram como relampagos que vinham illuminar a decadencia das letras, que já principiava a manifestar se pela falta dos seus mais brilhantes cultores, pouco a pouco a desaparecerem no tumulo.

Pinheiro Chagas revelava-se com a grande luz do seu espirito, o escritor que vinha preencher tantas lacunas com a enciclopedia do seu talento.

Eu que conheci os seus escriptos antes de conhecer o autor, viu o pela primeira vez na redação do *Archivo Pittoresco* e fiquei surprezo!

Imaginando que quem escrevia com tanta erudição e com tanta arte, seria um homem já amadurecido no estudo e martelado no oficio, sahia me um rapaz imberbe, de faces rosadas, alegre, cheio de mocidade, de farta cabeleira penteada para traz, deixando livre a ampla testa da sua grande cabeça sonhadora, falando com tanta verbosidade e elegancia como escrevia, e só denunciando, pelo uso das lunetas, vista, acaso, gasta em muitas horas de leituras, se isso não lhes fosse imposto pela sua grande miopia.

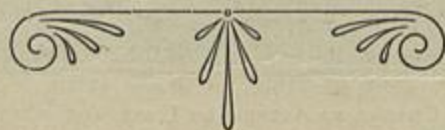
Era assim o autor do *Poema da mocidade*, o novel escritor que principiava a espalhar os frutos do seu talento pelo grande banquete da imprensa, onde todos vem procurar as eguarias de que mais gostam, os amadores da historia, os admiradores da poesia, os entusiastas do romance, os que preferem a levesa e graça do folhetim, a todos elle satisfazia com a fecundidade prodigiosa do seu talento assimilando todos os assuntos com rara facilidade.

E, o mais raro ainda, nos tempos que vamos passando, é, sem ser um classico, o ter conservado, no meio do afan de tão diversas manifestações literarias, a pureza da lingua patria, conhecendo lhe todos os recursos, todo o vigor, graça e elegancia, não precisando de pedir a estranhos o que de casa lhe sobrava.

Elle assimilou todos os generos literarios, dispersos, e para todos serem até o teatro, onde tantos talentos tem naufragado.

Pois ahi elle triumfou tambem, e a sua primeira obra teatral foi a sagração do dramaturgo e ainda hoje admiramos a *Morgadinha de Valflor* e quantas mais se lhe seguiram como a *Magdalena*, *O Drama do Povo*, *A Judia* e *Helena*, sem falarmos das delicadas comedias.

E se assim foi no teatro o que dirêmos do romance, se fôramos a innumerar esse grande trabalho de sua pena privilegiada, desde as *Tristezas á beira mar*, com sucessivas edições, até *A joia do Vice-rei*, uma serie de doze romances em que se contam alguns historicos.

A *Historia de Portugal*, segundo o plano de

Ferdinand Dénis, a que sucede a sua *Historia Alegre de Portugal*, com que popularisou a historia patria, e: *Portugueses Illustres*, *Brazileiros Illustres*, *Os Descobrimentos portuguêses e os de Colombo*, publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc.

Estas obras todas originaes, que traduções são innumeras as que fez, num trabalhar incessante, colaborando nas revistas literarias, em que o seu nome aparecia por toda a parte, firmando artigos sobre os mais variados assuntos, e no jornalismo politico com o vigor da sua pena ora humoristica, ora grave e austera na polemica, relampejando como o aço rijo, no *Correio da Manhã*, que elle fundou, rodeando-se duma pleiade de novos que ali apresentaram as primicias do seu talento: Guilherme de Azevedo, Gervasio Lobato, Jayme Victor, e outros que não me occorrem no momento.

A politica! Oh! a politica deveu-lhe muito e ia-o matando. Tinha coração de mais, para ser correspondido por essa matrona ambiciosa e falsa, que primeiro corrompe as consciencias para melhor a poderem amar.

Elle sahiu com a sua ileso da cilada, não sem quasi lhe ir custando a vida, quando a mão dum sicario se levantou para elle e o derrubou á sahida do parlamento deixando-o por morto.

Foi tudo quanto lucrou da politica, não obstante os beneficios que fez ás colonias quando geriu a pasta da marinha.

Elle bem o presentia quando disse a Gervasio Lobato, que era seu intimo amigo, e este lhe dava os parabens:

— Não me dê parabens. Olhe, até aqui todos perguntavam: porque não é o Pinheiro Chagas ministro?! Amanhan talvez digam: para que foi o Chagas ministro?!

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

E comtudo ninguem mais direito tinha a sel-o. Na imprensa e no parlamento, ninguem melhor do que elle terçava as armas pela causa publica se fôra ella que interessasse a politica dos nossos tempos.

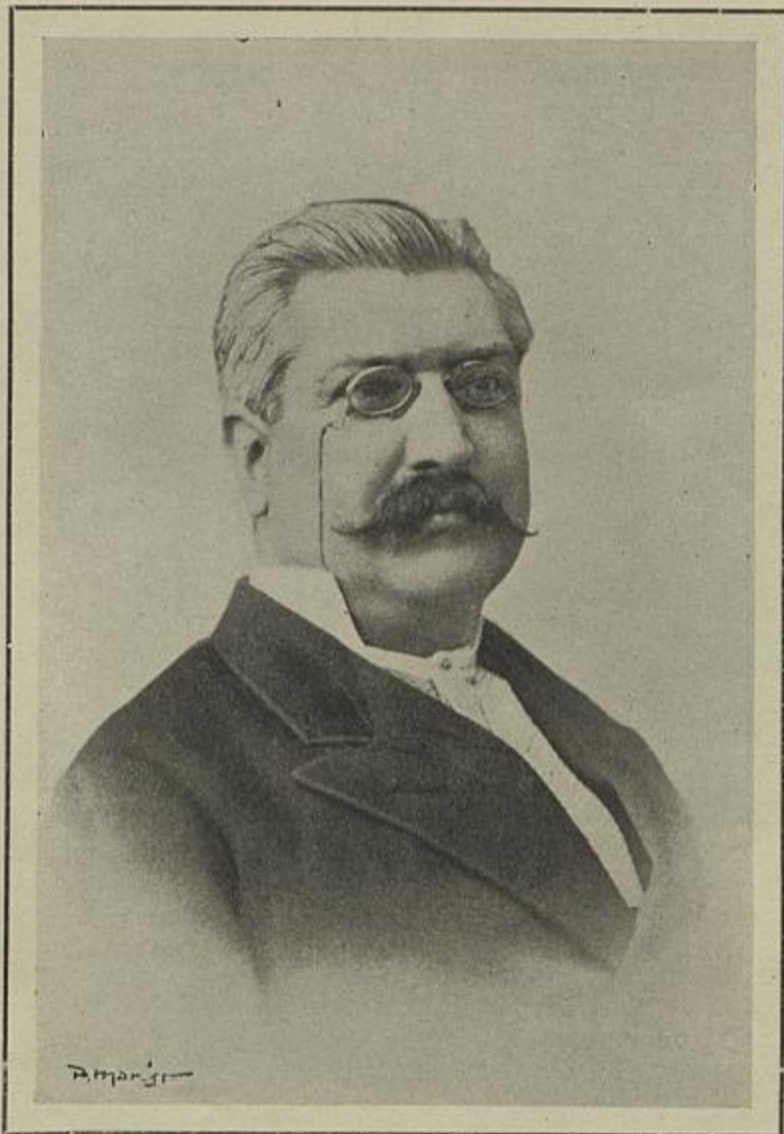
Elle tinha o culto da patria, mas a politica tem o culto dos amigos numa reciprocidade de interesses egoistas, por isso elle não poude ser tão grande na politica, como nas letras não atingio toda a grandeza para que lhe sobejava talento.

Deu-se em Pinheiro Chagas o raro condão de ser um escritor e um orador. Elle teve essa dualidade, e dificil será avaliar em qual foi maior.

Se o escritor era brilhante, enciclopedico, o orador era facundo e eloquente; de voz bem timbrada que encantava todas as assembleias em que se fazia ouvir, por que em toda a parte ella se levantava, — e eu estou escrevendo para muitos que o ouviram, — no parlamento, em sessões solemnes, em festas, em banquetes, pois era o orador querido, indicado, requestado, para todos os actos em que fosse preciso discursar.

Era-o no seu país, era-o no estrangeiro, onde tivesse de ir um português representar Portugal, numa solemnidade, num congresso, numa festa.

E soube honral-o condignamente. Em Madrid discursou em castelhano e seria um emolo de Castellar. Em Paris discursou em francês, e quando, num banquete de jornalistas, um qualquer literato parisiense discursou sobre Portugal amesquinhan-

JOSÉ DE MELLO

DIRETOR PROPRIETARIO DA «MALA DA EUROPA» PROMOTOR DO MONUMENTO A PINHEIRO CHAGAS

do-o pela sua *pequenês*, Pinheiro Chagas sahiu pronto a campo em sua defeza e na lingua de Voltaire castigou a petulancia: *Portugal, ce petit pays ou de là des Pyrenées, qui a fait cadeau de deux mondes au commerce de l'Europe, etonnéa de ses audacieuses decouvertes.*

E' deste português que hoje se ergue o seu busto em bronze sobre modesto pedestal, entre as flôres de um canteiro na Avenida da Liberdade.

E' de um nosso contemporaneo a quem não foi preciso o volver dos seculos para lhe ser feita justiça; fez lha um grupo de amigos á frente do qual se poz José de Mello diretor proprietario da *Malla da Europa*, e á iniciativa de quem se deve aquelle simples monumento que, se não se impõe pela grandesa de sua fabrica ou opulencias decorativas, engrandece-o a ideia que o inspirou, e o seu proprio valor pelo muito que elle significa.

A iniciativa do sr. José de Mello encontrou, principalmente, nos portuguêses residentes no Brasil, o maior auxilio, muito concorrendo para o resultado da subscrição aberta no Rio de Janeiro o sr. Arthur Guimarães, agente da *Malla da Europa*.

Com a subscrição realisada de pouco mais de 4:000$000 réis se fez o monumento, confiado ao talentoso esculptor Costa Motta, que bem se póde dizer concorreu com uma boa quota da sua parte, pois a quantia mal chegou para o material e mão de obra.

Entretanto isso não impediu que o monumento se erigisse, simples mas bélo, como é sempre a simplicidade, e que junto ao heroe que elle perpetua no bronze, nós vejamos a decorar-lhe o pedestal essa figura galante, irrequieta, caprichosa da *Morgadinha de Val-Flôr*, delicada creação do poeta, tipo ro-

COSTA MOTTA

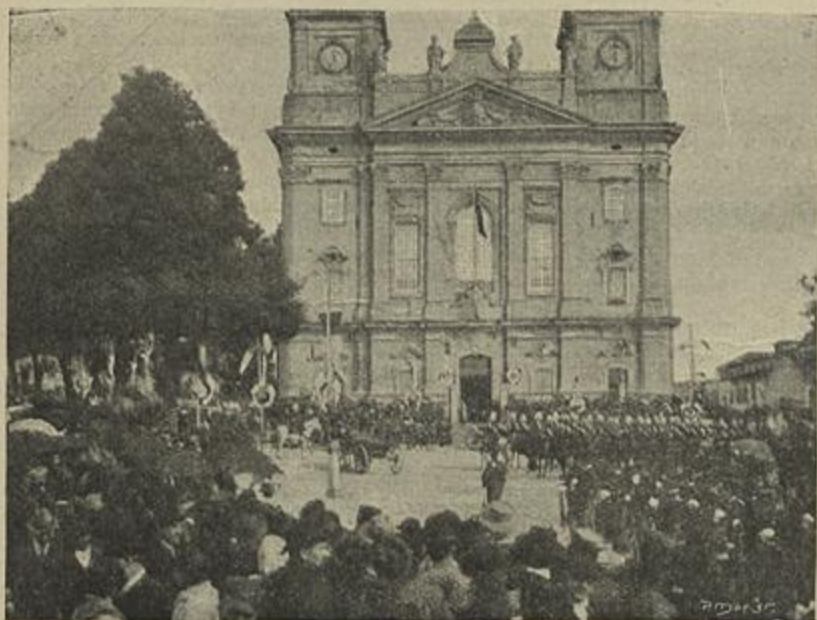
AUTOR DO MONUMENTO A PINHEIRO CHAGAS

NA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A PINHEIRO CHAGAS

GRUPO DA FAMILIA DE PINHEIRO CHAGAS, COM O SR. CONDE DE FIFUEIRÓ. REPRESENTANTE DE SUAS MAGESTADES, SR. JOSÉ DE MELLO E REDATORES DA «MALA DA EUROPA»

Visita de S. M. El-Rei D. Manuel ao Porto

El-Rei D. Manuel aclamado á sahida da estação de Campanhan

Passagem do cortejo real na rua Ferreira Borges — Os Cavaleiros da Legião Azul

Na Egreja da Lapa, durante o «Te-Deum» — El-Rei D. Manuel recebido á entrada do Palacio da Bolsa pela Direção da Associação Comercial

mantico da fidalguia portuguêsa que passou, a um tempo tão verdadeiro e realista, que mais parece ter sido modelado do natural. Se o poeta e romancista bem o imaginou, a actriz Emilia Adelaide melhor o realisou, como o proprio autor o disse, e assim aquella figura ali junta dá ao monumento a dupla significação de glorificar o grande homem de letras, e um dos heroes das suas creações que mais o popularisou.

Foi no dia 13 do corrente, com o sol por entre nuvens e gotejando ainda do orvalho da manhan as arvores quasi despidas de folhas, que sob ellas se reuniram alguns amigos e admiradores do grande escritor, com os representantes de quasi todos os jornaes da capital, artistas dramaticos, e juntos aos filhos e netos de Pinheiro Chagas, se celebrou a ceremonia da inauguração.

Para esse fim o sr. José de Mello entregou ao sr. conde de Figueiró, representante de Suas Magestades naquelle acto, os cordões da bandeira que velava o busto, e este titular muito fidalga e delicadamente convidou a sr.ª D. Valentina Pinheiro Chagas, filha do eminente homem de letras, a descerrar o monumento, a que acedeu comovida, ao mesmo tempo que dentre a assistencia rompia uma salva de palmas.

Leu então o sr. José de Mello um discurso apropriado ao acto, a que se seguiram o sr. visconde de S. Boaventura, redator efétivo da *Malla da Europa*, o actor sr. Antonio Pinheiro, por parte da Associação dos Artistas Dramaticos Portuguêses, e por fim o sr. Claro da Rica, pela Camara Municipal de Lisboa.

Foi uma festa quasi intima que mais comoveu o coração do que se exteriorisou por manifestações espetaculosas.

A' noite é que em D. Maria se prestou homenagem mais festiva á memoria do grande dramaturgo, com a colocação de uma lapide no atrio do teatro, e o erudito professor do Curso Superior de Letras sr. Consiglieri Pedroso fez o elogio de Pinheiro Chagas, seguindo-se depois a recitação de varias poesias e terminando pela representação dos tres primeiros actos da *Morgadinha de Val-Flôr*.

Se no teatro foi o campo das suas maiores glorias, ahi teve Pinheiro Chagas tambem a sua maior consagração.

CAETANO ALBERTO.

Visita de S. M. El-Rei D. Manuel ao Porto

Conforme dissémos em o numero anterior, realisou-se no Porto com o enthusiasmo previsto, a recepção a Sua Magestade El-Rei D. Manuel, que não podia ser mais calorosa nem mais expansiva, constituindo uma verdadeira entrada triunfal na primeira cidade do norte, tão gloriosa por sua historia, a que junta agora mais um fasto que a engrandece.

Já a viajem do joven monarca fôra entrecortada de entusiasticas aclamações, nas terras onde o comboio teve curtissimas paragens, como em Santarem, Entroncamento, Coimbra, Aveiro e Ovar, mas por maiores que fossem, não tiveram a imponencia das que aguardavam El-Rei, em Campanhan, e para isso bastava a gente da populosa cidade que se despovoou para o vir receber e aclamar num fremente entusiasmo de simpatia e carinho.

A chuva cahindo, se tirou parte do brilho das decorações festivas que engalanavam as praças e ruas por onde seguiu o cortejo real, não empanou a alegria, nem esmoreceu o entusiasmo com que o povo acompanhou o rei e seu luzido sequito em todo o percurso da estação de Campanhan até ao paço real.

Se fôramos a descrever todas as manifestações do mais bizarro e carinhoso acolhimento que os portuenses teem feito ao joven rei, teriamos de encher paginas e paginas desta revista, quando afinal a imprensa diaria tem publicado minuciosas informações do que se tem passado no Porto.

Assim, resumindo, diremos que a cidade apresentava o aspéto de verdadeira gala, completando as decorações das ruas e praças, ricas colchas de damascos e de seda da India bordadas, que pendiam dos peitoris de quasi todas as janellas, as quaes sempre se enchiam de senhoras, quando El-Rei passava, e lhe lançavam flôres, aclamando-o e dando-lhe palmas.

No dia seguinte ao da chegada do Senhor D. Manuel, realisou se o *Té-Deum* na egreja da Lapa, celebrado pelo Bispo D. Antonio Barroso. Este acto teve a maior imponencia não só pelo seu caracter religioso, mas ainda porque a elle concorreu tudo que de mais distinto ha na capital do norte, bem como todo o elemento oficial.

A esta solemnidade seguiu-se a recepção de El Rei na Camara Municipal, que não foi menos solemne, lendo o presidente, sr. dr. Candido de Pinho, uma alocução tão elevada quanto firme e serena, pugnando pelos direitos e regalias municipaes, que o Porto conquistou palmo a palmo com o esforço nunca excedido e raro egualado de seus filhos.

A esta alocução, que foi muito aplaudida pelo numeroso auditorio, respondeu El-Rei, lendo um discurso de agradecimento e saudação á invicta cidade, reconhecendo a sua lealdade e dedicação á monarquia e o quanto esta lhe tem tambem sido dedicada, terminando com o seguinte periodo:

«Portuenses e amigos, na vossa casa e perante vós, eu, Rei de Portugal, juro manter a monarquia constitucional; juro concorrer quanto em mim caiba para o desenvolvimento harmonico das liberdades civis e politicas, que sirvam ao levantamento moral e material da nossa querida patria; juro manter a amisade e confiança que os nossos maiores sempre mostraram e mantiveram por esta sempre leal cidade.»

«Viva a cidade do Porto!»

O discurso de El-Rei, cortado por vezes por insofridos aplausos, foi, no final, coroado de calorosas aclamações.

Em todos os dias que El-Rei tem estado no Porto tem assistido a festas em sua honra e visitado estabelecimentos publicos e particulares, onde tem sido recebido com alvoroço e reconhecimento.

Assim, visitou o Colegio dos Orfãos, onde foi recebido pelo presidente da Camara, reitor reverendo Antonio Patricio, o notavel prégador, toda a direcção e mais pessoal do estabelecimento. El Rei fez a distribuição de premios aos alumnos mais distintos, alguns dos quaes recitaram poesias, etc., terminando por vêr todas as aulas e dormitorios, sendo sempre aclamado durante toda a visita.

El-Rei foi depois assistir ao exercicio dos bombeiros, no seu quartel, onde deitou ao pescoço do seu valente chefe, o sr. Joaquim Carvalho da da Costa, o colar da Torre-Espada.

A visita de El-Rei á Associação Comercial foi brilhante a recepção no meio de numeroso concurso do corpo comercial e de distintas damas que deram maior relevo á festa. O presidente sr. dr. Julio de Araujo pronunciou um discurso apropriado, a que El-Rei respondeu em breves palavras, revelando a intenção que tinha de visitar todo o país para de *visu* conhecer as necessidades da vida nacional, renovando os protestos de sua aliança com o povo, com o qual contava para o engrandecimento da patria.

Foi ainda na Associação Comercial qne, na noite de 14, houve o banquete oferecido por esta corporação a El Rei. O brilho e riqneza que esse banquete revestiu, não se descreve nas poucas linhas de que dispomos ainda que fosse possivel dar a sua impressão. A' sumptuosidade das salas juntou se a opulencia das decorações e o deslumbramento da luz elétrica que as iluminava, fazendo realçar a riqueza e a arte das baixelas e dos cristaes; a profusão de flôres que se entremeavam com elegantes palmeiras, tanto enebriavam com seu aroma como encantavam com a viveza de suas côres.

O banquete foi de 534 talheres, dispostos em nove mesas. A assistencia, seléta, contava, além do elemento oficial, a alta finança, comercio e industria, representada pelos seus mais distintos membros, e para maior animação da festa, 13 o senhoras ocupavam as galerias, onde se podia vêr a flôr das damas portuenses ostentando ricas e elegantes *toiletes* em que realçavam muitos rostos formosos. O aspéto do grande salão constituia um quadro deslumbrante impossivel de reproduzir.

Os brindes foram significativos do regosijo que dominava todos os corações e com elles explodiram as repetidas aclamações a El-Rei, á familia real e á patria; um verdadeiro delirio, em que as senhoras tomavam a melhor parte vitoriando o joven rei num frenesin de palmas e saudações.

Não se desvanecerá facilmente da memoria dos que assistiram áquella encantadora festa a impressão que lhes ficou, como El Rei tambem a não poderá esquecer.

Muitas são ainda as visitas que o Senhor D. Manoel tem feito, contando se a Associação Industrial, as escolas Politecnica, Medica, Liceu, Instituto Comercial, estabelecimentos de caridade, Misericordia e seu hospital, fabricas e oficinas particulares, tudo querendo El-Rei vêr, para avaliar o trabalho da laboriosa cidade.

No dia 18 foi Sua Magestade visitar Braga, onde a recepção não foi menos calorosa do que no Porto. A capital do Minho porfiou em receber o monarca com as maiores demonstrações de simpatia e carinho. Enfeitaram-se as ruas e praças, celebrou-se *Té-Deum* na Sé a que assistiu El-Rei; houve recepção nos paços do concelho, e almoço oferecido na grande sala do Banco do Minho. Visita aos quarteis, uma breve digressão ao Bom Jesus do Monte. Por toda a parte o Rei foi aclamado e recebido no meio de vivas saudações.

Com propriedade se pode dizer que tem sido triunfal o acolhimento que El Rei encontrou nas cidades do norte de Portugal, não só como demonstração monarquica daquelles povos, mas ainda pela grande simpatia que o joven rei desperta.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XV

(Continuado do n.º 1070)

A Imprensa Nacional tem figurado brilhantemente em diferentes exposições. E' hoje um estabelecimento modêlo.

A'parte o pessoal puramente administrativo e da oficina tipografica, possue uma escola de composição, oficinas de impressão manual, de assetinagem e calandragem de papel, e oficinas de fundição, de estereotipia, de litografia, de gravura, etc., etc.

Que eu tenha noticia, duas vezes personagens reaes visitaram este estabelecimento: Uma vez el-rei D. Fernando, em 28 de dezembro de 1842, acompanhado do seu ajudante conde de Saint Leger e outra vez D. Luis, em 4 de setembro de 1863. De ambas se honrou aquella casa e de ambas foram bem impressionados os dois soberanos.

El-rei D. Luis deixou no livro dos visitantes as seguintes palavras: *Folgo sempre quando posso elogiar qualquer estabelecimento do Estado. Este está nesse caso.*

El-rei D. Carlos não seguiu estes exemplos e perdeu com isso. Aparecia de mais onde o deviam vêr menos e raro honrava com a sua presença os logares onde mais necessario e natural seria vê-lo.

* * *

O velho edificio vae em breve desaparecer. Em seu logar está se construindo uma instalação que apenas lhe ganha em ser mais vasta porque o gosto é pessimo, desagradavel á vista e bordada no mais requintado estilo *obras-publicas*

Em parte do primeiro andar, com entrada pela rua da Escola, onde habitou o conselheiro Deslandes, acha-se provisoriamente instalada a administração da Imprensa.

E' nas salas dessa repartição que se vê a coleção de retratos a oleo que, em 1801, vieram para ali da Casa Literaria do Arco do Cego onde se encontravam.

São as seguintes as pessoas retratadas: El-rei D. José (retrato muito interessante representando o soberano já avançado em annos) e o marquês de Pombal, no gabinete do administrador; Camões (que apresenta uma fisionomia muito diferente do que é praxe desenhar-se) no gabinete do contador Antonio Norberto Monteiro; João de Barros, Rafael Bluteau, Afonso de Albuquerque, Manuel Caetano de Sousa e o padre Antonio Vieira, numa sala de entrada contigua ás primeiras. No gabinete do administrador está tambem um painel grande representando Nossa Senhora da Conceição, que se supõe proceder do Colegio dos Nobres, e n'outra sala encontra-se tambem retratado a oleo, o falecido administrador José Frederico Pereira Marecos.

E' de esperar que, concluindo-se o novo edificio, aquellas télas, merecedoras de um estudo mais profundo e detalhado, sejam convenientemente colocadas e divulgadas pela fotografia, principalmente os retratos de Camões e de el-rei

D. José que, como já disse, são muitissimo interessantes.

* * *

Por hoje, basta! Se o leitor ainda não tiver desistido de acompanhar-me neste extenso passeio, encontrar-nos-hemos no capitulo seguinte. (6)

G. de Matos Sequeira.

NECROLOGIA

Carlos Pecquet Ferreira dos Anjos

No comercio e na agricultura o nome de Carlos Anjos era altamente considerado porque num e noutra se distinguia com justo fundamento, pela iniciativa e atividade de seu espirito e grande amor ao progresso, compreendendo bem com sua clara inteligencia a epoca em que viveu.

Com os poucos dados biographicos que podemos colher e no que de memoria nos recordamos mal se pódem traçar estas breves linhas em homenagem do falecido, que foi um cidadão prestante e util ao seu país, mais talvez em proveito deste, do que de si proprio.

Nasceu Carlos Pecquet Ferreira dos Anjos em Lisboa a 9 de abril de 1841, filho de Flamiano José Lopes dos Anjos e irmão do falecido par do reino e capitalista da nossa praça, Polycarpo Pecquet Ferreira dos Anjos, sendo tio dos srs. Fernando e Henrique Anjos e por afinidade dos srs. condes de Arnoso e de S. Lourenço, e primo da sr.ª condessa de Valenças e conde de Fontalva, etc.

Carlos Pecquet Ferreira dos Anjos

Dedicando-se ao comercio, como membro da casa fundada por seus maiores, inclinou-se tambem á exploração agricola, em que foi um dos maiores inovadores introduzindo lhe os progressos que esta industria mãe atingia nos paizes mais adeantados.

Mereceu lhes mais especiaes cuidados o fabrico do azeite, para o que não poupou trabalho nem dinheiro, chegando a mandar vir de Italia operarios dêste fabrico, e construindo na sua quinta da Luz os maiores e mais aperfeiçoados lagares, como, talvez, não ha outros em Portugal.

Mas não ficou por aqui sua iniciativa e atividade. Organisou uma companhia de que fez parte para a construcção de *chalets* no Monte Estoril, e assim deu principio áquella deliciosa estancia que é hoje o encanto de nacionaes e estrangeiros.

Os produtos das suas propriedades agricolas, especialmente o azeite, obtiveram sempre os primeiros premios nas exposições a que concorreram, quer no país quer fóra, nos grandes centros industriaes.

Era socio da Real Associação Central da Agricultura Portuguêsa e da Sociedade de Geographia de Lisboa de que era vogal das secções de industria e de comercio.

Espirito ilustrado, tinha grande dedicação pelas artes e pelas letras, e cabe aqui dizer que foi dos primeiros nomes que subscreveram para O Occidente, quando ha 31 annos lançámos a publico os prospétos desta revista, a qual alguns não davam tres mezes de vida, nome que ainda hoje se acha inscrito no livro de nossos assignantes.

O sr. Carlos Anjos faleceu na sua vivenda da Luz, na manhã de 14 de outubro, ultimo, vitimado por uma congestão que pela terceira vez o atacou, dando lhe comtudo, tempo para se rodear de seus filhos e recomendar-lhes as suas derradeiras disposições, entre ellas a de que seu funeral fosse o mais modesto possivel.

A seus filhos sr. Guilherme Cassar dos Anjos, sr.ª D. Ernestina Vaz Anjos e toda a ilustre familia aqui deixamos a expressão do nosso pesar

(1) Para a factura deste capitulo servi-me, além dos documentos já mencionados, das seguintes obras: 1.º *Documentos para a Historia da Tipografia em Portugal* por Venancio Deslandes — 1612-21 da B. Nacional; 2.º *Impressões Deslandesianas* por Xavier da Cunha; 3.º *Historia dos Estabelecimentos literarios, Scientificos e Artisticos* por José Silvestre Ribeiro, volumes 1.º, 2.º, 3.º, 5.º, 6.º, 7.º e 13.º; 4.º *Mappa para erecção de uma oficina Tipografica, no Real Colegio dos Nobres* — ms. em poder do autor, feito por Nicolau Pagliarini, em 1766.

O MEZ METEOROLOGICO

Outubro 1908

Barometro. — Max. altura 767mm,9 em 10.
» Min. » 757mm,9 em 23.

Como no mez precedente, é tambem notoria em outubro a estabilidade da pressão, sendo o affastamento do nivel apenas de 10mm.

Thermometro. — Max. altura 28º,0 em 2.
» Min. » 9º,6 em 26.

Temperatura elevada em 1 e 2. e quasi constante no resto do mez, com variações diarias pouco sensiveis.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 9 dias.
» Nublado 22 dias.

Chuva — 58mm,8 em 8 dias com trovoada em 29.

Vento dominante — S. W.

Memorias d'um policia amador. — *A. Conan Doyle.*

A acreditada Livraria Ferreira, Editora, acaba de lançar no mercado mais dois interessantes volumes d'esta notavel collecção, o primeiro dos quaes se intitula *Recordações de Sherlock-Holmes*, traduzido por Christovão Ayres (Filho), e o segundo *A Lenda do Cão Phantasma*, versão de Manuel de Macedo.

Não recommendamos de novo aos leitores a acquisição de taes trabalhos deleitosos e instructivos, por havermos feito isso relativamente aos anteriores volumes publicados, pertencentes á mesma collecção.

Annuario da Universidade de Coimbra. — *(Anno lectivo de 1907-1908)* — Coimbra — Imprensa da Universidade.

Com a pontual delicadeza foi-nos remettido este precioso repositorio que insére a esplendida oração de Sapientia pelo illustre lente de Medicina, Dr. Sobral Cid, o relatorio do insigne naturalista, Dr. Julio Henriques, na sua viagem á Suecia por occasião do bicentenario de Linneu, e eruditos e curiosos apontamentos e notas para a historia da Real Capella da Universidade, além de outras noticias de valor, bem como estampas e retratos elucidativos.

Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa, por Eduardo Freire de Oliveira — Lisboa — Typographia Universal.

É este o tomo decimo quinto da monumental obra commemorativa do centenario do Marquez de Pombal, tão sensatamente confiada ao infatigavel pesquisador e investigador funccionario, Freire de Oliveira que se tem desempenhado do espinhoso encargo por fórma a honrar não só a capital e a si, mas tambem a patria que o conta entre os seus filhos verdadeiramente apreciaveis.

A obra alcança já a epoca do immortal ministro de D. José I.

Atheneu Commercial de Lisboa. — *(Relatorio e Contas da Direcção — Parecer do Conselho Fiscal — Gerencia de 1907-1908)* — Typographia Campião.

Recebemos o folheto que contem os documentos alludidos, os quaes demonstram ser deveras agradavel a situação economica do Atheneu, que distinctamente collabóra para a instrucção educativa e, portanto, para a causa do progresso e da civilisação.

As suas contas acham-se fechadas com saldo importante e oxalá de cada vez mais se accentuem tão felizes resultados.

Os Lusiadas. — *(Para as escolas e para o povo)* — Obra prefaciada, parafraseada e annotada, e com um vocabulario por José Agostinho — Livraria Figueirinhas — Porto — 1907.

Temos presente o primeiro tomo d'esta obra que apenas insére o canto 1.º do epico Luiz de Camões, cujo retrato estampa logo após o frontispicio.

Tem merito real o trabalho em questão, onde José Agostinho, com pleno conhecimento erudito, revela o immortal filho de Simão Vaz de Camões n'um quadro muito perfeito.

A «BRASILEIRA»

Desde 1906 que, no largo das Duas Egrejas, ainda o coração desta Lisboa que em cada dia vae alargando a sua area, os srs. A. Telles & C.ª abriram ao publico um elegante estabelecimento que denominaram *A Brasileira*, para a venda de varios produtos do Brasil, em que avulta o café, e que pela fórma da sua instalação e especialidade constituiu para esta capital uma verdadeira novidade.

De facto, essa novidade era principalmente, a de se encontrar ali o verdadeiro café puro do Rio, coisa emfim que o nosso publico raro podia apreciar no meio das adulterações a que o comercio de retalho, em geral, sujeita este genero, de modo que, o mesmo publico, tudo beberá por café, mas menos café.

E' que a firma A. Telles & C.ª não tinha só em mira fazer um comercio vulgar com aquelle genero, mas empreender uma verdadeira campanha em defeza do café do Brasil, para que o publico podesse conhecer e apreciar as superiores qualidades do genuino café brasileiro.

Essa campanha, tem, felizmente, sido coroada do melhor resultado e, animando os seus promotores a alargar a sua esféra de acção, desenvolveram agora mais o estabelecimento *A Brasileira*, ampliando-o num vasto salão, artisticamente decorado, o qual inauguraram no dia 15 do corrente, 19.º anniversario da proclamação da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

O novo salão d'*A Brasileira* é luxuoso, rico e artisticamente decorado, com mobiliario de carvalho em estilo Renascença e talha levemente avivada de leves toques dourados. As paredes teem lambrís de carvalho da altura de 1m,40 e sobre estes assentam 8 grandes espelhos que se alternam com outros tantos quadros em pintura, por banda, representando varias vistas do Brasil e de Portugal, numa amoravel aliança fraterna dos dois paises.

Naquelle dia o salão apresentava um lindo aspéto, com grande profusão de flôres que enfeitavam a estensa mesa, onde brilhavam os cristaes á luz elétrica e em que foi servido um delicado *lunch* ás pessoas convidadas a assistir á inauguração, estando presentes muitos representantes da imprensa de Lisboa.

Ao fundo do salão ha uma galeria, sobre a balaustrada da qual se viam formando trofeu as bandeiras do Brasil e de Portugal, fazendo fundo aos retratos dos chefes destes dois estados, ali unidos em figura como em espirito se unem os dois países irmãos.

A estes brindou o sr. dr. Zeferino Candido num feliz improviso, bem como aos srs. A. Telles & C.ª, enaltecendo os serviços que teem prestado ao Brasil com a sua arrojada propagando do café, que em cada dia vae alcançando novos triunfos.

O sr. dr. Ferrer brindou tambem no mesmo sentido, e quando o sexteto Cardona tocou os himnos brasileiro e português, rompeu uma salva de palmas e felicitações ao Brasil, a Portugal e aos srs. Telles pela sua corajosa e util iniciativa, que tanto póde concorrer para o estreitamento mais e mais do comercio das duas nações.

A BRAZILEIRA — O NOVO SALÃO INAUGURADO EM 15 DO CORRENTE
(Fotografia do sr. Magalhães)